

## APÊNDICES

### Prefácio à Primeira Edição<sup>1</sup> de *Visões da Natureza*<sup>2</sup>

*Alexander von Humboldt*

Tradução e notas: *Lucia Ricotta*

Tímido, entrego ao público uma série de trabalhos que se originaram face aos grandes objetos naturais, sobre o oceano, nas florestas do Orenoco, nas estepes da Venezuela, na vastidão das montanhas peruana e mexicana. Alguns fragmentos foram escritos no próprio local, e apenas mais tarde reunidos em um todo. Os objetivos pelos quais me empenho são a visão geral da natureza, a evidência da atuação conjunta das forças, a renovação da fruição, que

---

<sup>1</sup> HUMBOLDT, Alexander von. “Vorrede zur ersten Ausgabe”. *Ansichten der Natur*. Stuttgart: Reclam, 2008.

<sup>2</sup> Esse livro é inaugural quanto ao rendimento estético-científico da sensibilidade geográfica ligada à “visão direta das terras tropicais”. Também guarda interesse específico de pesquisa para o *topos* humboldtiano das visões e cenas da natureza, com “força formativa” no âmbito de constituição da literatura brasileira, sobretudo se entrevisto desde suas ressonâncias nas primeiras sistematizações historiográficas da literatura entre os românticos via *Scènes de la Nature sous les Tropiques* de Ferdinand Denis. O *Visões da Natureza*, de Alexander von Humboldt, dará um sentido inédito à pintura da natureza tropical. No nexos espacial da paisagem, reside o interesse específico desse livro, no lugar nuclear onde persiste e perdura a origem dos trópicos americanos. O *Visões* é publicado em Berlim, logo após a chegada de Humboldt de sua expedição de cinco anos à América, em 1807. Empenhado em um conhecimento deslocado da perspectiva das “expedições marítimas”, realiza uma “viagem ao interior do continente”, uma “viagem de terra”, capaz de cumprir com seu programa de uma “física do mundo” ou de uma “teoria da terra”, tal como indica em *Relation Historique* de sua viagem. O que está em jogo aí é a idéia de que a história natural está submetida agora à geografia e, mais especificamente, à dimensão “interior do Novo Continente”. Portanto, à coerência geografizada entre o físico e o moral, fisionomia e caráter da paisagem, local e geral, corresponde a busca humboldtiana da mais profunda intimidade com a natureza terrestre, seja para alcançar o distante no extremo interior, seja para pesquisar as camadas geológicas mais profundas (N.T.).

a visão direta dos países tropicais concede ao homem sensível. Cada ensaio deveria constituir-se em um todo coerente por si mesmo, uma e a mesma tendência deveria expressar-se uniformemente em todos. Esse tratamento estético dos objetos da história natural, não obstante a esplêndida força e flexibilidade da língua de nossa pátria, apresenta grandes dificuldades de composição. A riqueza da natureza ocasiona um acúmulo de imagens isoladas, e esse acúmulo perturba a imobilidade e a impressão total da pintura<sup>3</sup>. Endereçado ao sentimento e à fantasia, o estilo facilmente degenera-se em uma prosa poética. Essas ideias dispensam aqui qualquer desenvolvimento, visto que as folhas que se seguem oferecem múltiplos exemplos de tais desvios e de tal falta de *tratamento*<sup>4</sup>.

Possam minhas *Visões da Natureza*, apesar dessas falhas, as quais eu próprio posso *censurar* mais facilmente do que corrigi-las, conceder ao leitor uma parte da fruição que um senso<sup>5</sup> receptivo encontra em uma

<sup>3</sup> O termo aqui selecionado para *Gemälde* é pintura. Humboldt efetivamente se confronta com o dilema estético entre “representação” e “apresentação”, caro ao pós-kantismo. Acredita-se que o problema da “apresentação” ganha pertinência maior, no caso de Humboldt, visto que ele supõe a *ex*-posição do supra-sensível pelo sensível. Além disso, a *Gemälde* provém de uma tradição da *éfrase*, ligada a procedimentos de uma *tékhnè* poética, dependente da artesanaria artística do perito-pintor em transformar o artifício da natureza em algo tão verdadeiro quanto a própria natureza (N.T.).

<sup>4</sup> É notável a preocupação de Humboldt com a composição de sua obra, concebida como um análogo da natureza. Quando Humboldt menciona o “tratamento estético dos objetos da história natural” está chamando a atenção para uma forma de *compor* o todo, seja na elaboração de seus múltiplos ensaios particulares de onde se possa extrair “uma e a mesma tendência”, seja na síntese de um acúmulo de imagens isoladas da natureza em que cada uma exhibe em seu *aparecer* “uma e a mesma tendência”. O problema de Humboldt é sempre um problema de composição que requer certo tratamento da linguagem. O dilema é: como dar conta da totalidade da obra e da natureza senão pelos fragmentos? Impasse que se desdobra na timidez característica de Humboldt, atributo que faz questão de mencionar, no início desse prefácio, fruto de certa hesitação igualmente comentada em suas “Considerações Introdutórias” ao *Kosmos*, quando fala da fadiga do leitor e da “superficialidade enciclopédica” que seus escritos sobre a natureza possam alcançar. Na *Relation Historique* confessa sua “extrema repugnância” em escrever o relato de sua viagem. Hesitação que corresponde ao temor de Humboldt de recair numa escrita de prosa poética, pois o viajante pretende ser um cientista de fato, e não um poeta (como se ele estivesse dizendo que a fruição não pode ser sentida no simples nível estético; a fruição é muito mais que uma *aisthésis*, pois que antecipa na natureza a ideia de ordem e do todo que a consciência humana não imputa mais à demiúrgia (N.T.).

<sup>5</sup> Evoco aqui fragmento 78 do *Athenäum* em que se considera a inteligibilidade do *sentido* como sendo capaz de suscitar um modo de entender. Entender, nesses termos, depende do *sentido* e não do *entendimento*: “Em geral, não entender não provém da falta de entendimento, mas da falta de sentido.” In: SCHLEGEL, Friedrich. *O Dialeto dos Fragmentos*. Trad., apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997. p. 58. Nessa acepção, pode-se optar por traduzir a palavra *Sinn* por “senso”. Creio que Humboldt está sempre preocupado com o “senso” da natureza, uma espécie de suscetibilidade intelectual e intuitiva do homem em contato com a natureza, talvez numa proximidade entre entendimento e sentido, pronta a revelar o que se acreditava ser a inteligibilidade do mundo natural. Assim como sugere Márcio Suzuki, em nota 41 ao *Athenäum*, os filósofos da arte e do próprio sistema filosófico, como Kant e Fichte, por exemplo, preocupam-se com o

contemplanção direta. Visto que essa fruição aumenta com a inspeção na interna conexão das forças da natureza, assim adiciono em cada ensaio esclarecimentos e apêndices *científicos*.

Por toda parte, aponto a eterna influência que a natureza física exerce sobre a disposição moral da humanidade e sobre seu destino. Essas páginas destinam-se preferivelmente aos *ânimos aflitos*. “Quem escapou às ondas impetuosas da vida”?, siga-me com prazer no bosque cerrado das florestas, através das imensas estepes e sobre as altas costas da Cordilheira. Para ele fala o coro que aspira ao mundo:

Nas montanhas se pode ser livre  
Dos abismos o sopro empestado  
Não remonta às mais puras regiões.  
Este mundo é em tudo acabado,  
É perfeito onde quer que não chegam  
As misérias de humanas paixões.<sup>6</sup>

---

“senso da beleza” (*Schönheits-Sinn*) do poeta e o “senso da verdade” (*Wahrheits-Sinn*) do filósofo, Humboldt presume que aquele que não tem senso ou sentido da natureza não poderá entender as leis harmônicas que regem o mundo natural.

<sup>6</sup> Reproduzo aqui trecho traduzido por Gonçalves Dias da tragédia de Friedrich Schiller, *A Noiva de Messina, ou, Os Irmãos Inimigos*. Segue referência da última publicação, entre nós, dessa tradução: SCHILLER, Johan Christoph Friedrich von. *A Noiva de Messina, ou, Os Irmãos Inimigos*. Tradução de Gonçalves Dias; com notas de Manuel Bandeira; organização Márcio Suzuki e Samuel Titan Jr.. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 167 (N.T.).